



Samuel Hirszenberg, Spinoza (1907) - Picture Gallery, Kursk, Rússia

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO PENSAMENTO DE ESPINOZA

Por: Israel Franco de Godoy

A filosofia de Espinoza é sem dúvida uma das mais belas reflexões que o pensamento humano produziu. Baruch de Espinoza foi um filósofo holandês, filho de um mercador judeu exilado em Amsterdã que em 1656, quando tinha 23 anos, negando se calar mesmo sob oferta de paga, é excomungado da comunidade judaica. No mesmo ano é vítima de tentativa de assassinato e muda-se para Leyden, depois para Rynsverg e por último, para Haya onde viveu até sua morte, aos 44 anos de idade.

Dizer que Espinoza possui uma concepção panteísta da realidade em que identifica Deus e Natureza é dizer muito pouco. Ele busca desmistificar o pensamento humano libertando-o de tolices supersticiosas, através da lógica e da razão. Extremamente racional, cartesiano, suas reflexões são sempre consequentes, proposicionais. Esse modelo de pensamento fez com que Espinoza fosse chamado por muitos de o “Discípulo da Razão”.

Ao pensar sobre a essência das coisas que constituem a realidade, vai refletir sobre a substância e a origem do universo e consequentemente, sobre Deus. Para ele só há uma substância que, embora infinita, se manifesta numa infinidade de formas pois tem múltiplos atributos.

Conforme a 3ª definição do Livro I, em *Ética*, subtítulo “De Deus”:

Por substância, compreendo aquilo que existe em si mesmo e por si mesmo é concebido, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado (ESPINOZA, 2013, Pag. 13).

Segundo ele, só há uma substância de forma que Deus conforma-se à própria natureza, nem mais nem menos, pois falar de natureza ele fala de toda a realidade que o cerca. Há por certo um “tudo” de onde se originou todas as coisas, vistas e não vistas e que necessariamente não exclui Deus. Pois significaria colocar Deus fora da Existência como se dissesse que do “nada” estando Deus no “nada”, Deus fizesse a criação. Um absurdo lógico para Espinoza pois Deus é a própria criação de forma que tudo provem dele sendo ao mesmo tempo parte dele.

Na 6ª definição ainda do Livro I ele afirma:

Por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita (Ibid., Pag. 13).

Deus, portanto, é causa ativa de si mesmo e de forma que nada o constrange. Isso equivale dizer que Deus é o único ser absolutamente livre.

É Deus a substância infinita e que por ser infinita tem todos os atributos incluindo a matéria e o pensamento. Resulta ainda que sua filosofia é monista caracterizando Espinoza como um filósofo de um mundo só pois para ele não existem dois mundos possíveis tal como a tradição filosófica (dualista) de influência platônica ou maniqueísta costumeiramente propunha. Um mundo dividido entre o bem e o mal. Entre matéria e pensamento. Entre corpo e alma.

Assim, para Espinoza não existe descolamento entre as sensações e as ideias. O que você pensa tem a ver com o que você sente e o que você sente tem a ver com o que você pensa, ou seja, é o corpo que pensa e não uma entidade separada do corpo ao qual convencionamos chamar de “mente” ou “alma”, ou seja, o corpo é uma coisa entre outras coisas.

Conforme o corolário da proposição 25 do Livro I:

As coisas particulares nada mais são que afecções dos atributos de Deus, ou seja, modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada (Ibid., Pag. 49).

Nosso corpo, portanto, é parte composta de outras partes cada vez menores e que se movimentam. Um conjunto de partes que possuem a capacidade de manterem-se unidos e agirem juntas. Desta feita, aquilo que está unido e age unido Espinoza chama Unidade. Assim na definição 1 do livro II, intitulada “A natureza e a origem da mente” ele afirma:

Por corpo compreendo um modo que exprime, de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa (Ibid., pag. 79).

E segue conforme os postulados 1 & 3 decorrentes da proposição 13 do livro II:

O corpo humano compõe-se de muitos indivíduos (de natureza diferente), cada um dos quais é também altamente composto (Ibid., pag. 105).

Os indivíduos que compõe o corpo humano e, conseqüentemente, o próprio corpo humano são afetados pelos corpos exteriores de muitas maneiras (Ibid., pag. 105).

A natureza, por sua vez, reduz-se a um aglomerado de corpos em movimento e a existência ao devir, ou seja, ao movimento constante onde dá-se o inevitável encontro dos corpos que constitui o mundo. Um encontro de forças opostas.

O “encontro” torna-se um dos conceitos mais importantes para se entender o pensamento espinosano. Para ele, viver é estar em constante relação, ou seja, numa sequência ininterrupta de encontros com outros corpos que compõe o mundo de forma que a vida nada mais é que “relação entre os corpos”.

Assim, o ser humano por si só é entendido como um corpo entre outros corpos e por isso mesmo, ele não é sem o mundo assim como o mundo não é sem ele. Ou ao menos seria outro.

O mundo portanto, não pode ignorá-lo, pois não se pode escapar ao mundo que se impõe, ou seja, que vem constantemente ao seu encontro e é por esse motivo que se diz que para Espinoza o homem é um ser apaixonado: Um ser que sofre constantemente os efeitos que o mundo lhe impõe já que todo encontro é inevitavelmente transformador pois quando Espinoza fala “Encontro” ele quer dizer que A afeta B & B afeta A, ou ainda, que você afeta o mundo e o mundo afeta você.

Na definição 3do Livro III subtítulo “A origem e a natureza dos afetos” ele afirma:

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída estimulada

ou refreada, e ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções (Ibid., 163).

Os afetos são nada mais que a tradução objetiva dos efeitos do encontro com o mundo. Aquilo que a razão significa ou, a ideia resultante desse encontro. Assim pode-se dizer que o corpo é um turbilhão de afetos e de certa forma, entende-se conseqüentemente que não há controle sobre o pensamento, ou melhor, que ninguém escolhe o que vem à cabeça, tal como se disséssemos em concordância com Nietzsche que “Algo pensa em nós”.

Esse raciocínio é incrivelmente inovador pois Espinoza antecipa já no sec. XVII um princípio da moderna psicanálise que diz que para se entender o que se pensa é preciso entender o que se sente. Mas então como Espinoza explica uma escolha específica entre um saciar ou não a um desejo? Para ele a escolha é também resultado dos afetos. De um jogo de forças. A escolha não resulta de uma vontade superior ou de uma razão superior que subjuga os desejos do corpo mesmo porque não há separação entre mente e corpo. Portanto a escolha é nada mais que uma consequência de forma que é o corpo que decide entre dois afetos: um que diz do desejo pois o corpo inclina-se naturalmente a sua satisfação (perfeição) e outro afeto que diz o não-fazer que é o medo, pois “Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser (Ibid, Proposição 6 do livro III pag. 173) o quê concorda com seu postulado 1 do livro III onde diz que “O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída [...]” (Ibid., pág. 163).

A razão só faz traduzir de forma compreensível o resultado do encontro dos afetos. Desse encontro de forças. Assim qualquer que seja a escolha haverá um motivo adequado à ela mas que no fundo só faz explicar a conseqüente decisão do corpo.

Nesse sentido, o corpo que é um turbilhão de afetos de forma que as coisas que passam pela cabeça vão muito além do que aquilo que se pensa. É o mesmo que diz a moderna psicanálise quando explica o conceito de consciente/inconsciente com a conhecida analogia do “farol”. Tanto o inconsciente

quanto o consciente estariam para o turbilhão de afetos, só que o conteúdo iluminado pelo farol seria o consciente, o conteúdo pensado, racionalizado. O curioso é que, enquanto na psicanálise a discussão se volta para quem estaria segurando o farol (id, ego ou superego) para Espinoza certamente não haveria quem segure o farol. Aquilo que a consciência iluminaria seria consequência do devir. Dos encontros com o mundo.

Por ser o ser humano um corpo entre muitos corpos, os efeitos que provoca no mundo ultrapassam em muito sua capacidade de compreensão. Algo semelhante ao efeito borboleta descrito na teoria do caos de Edward Lorenz (1963). Ou seja, só percebe os efeitos que o mundo lhe provoca quando se dão com violência e porque na maioria das vezes tais encontros se dão de forma sutil os efeitos desse encontro que o mundo lhe provoca, são muito pouco percebidos.

Os corpos são partes mas tem uma essencial. Fundamental para que o encontro com o mundo continue acontecendo. Trata-se de uma “força vital”, ou uma “potência de agir”.

Assim, quando os encontros com o mundo nos afeta positivamente o resultado desse encontro é um afeto denominado “alegria” e quando os encontros com o mundo nos afeta negativamente, esse afeto denomina-se “tristeza” de forma que a alegria e a tristeza equivalem as transformações que o mundo provoca no “ser”. Conforme a definição 2 do livro II, subtítulo “A natureza e a origem da mente” Espinoza afirma:

Digo pertencer à essência de uma certa coisa aquilo que, se dado, a coisa é necessariamente posta e que, se retirado a coisa é necessariamente retirada; em outras palavras, aquilo sem o qual a coisa não pode existir nem ser concebido (Ibid., pag. 79).

Se alegria e tristeza são transformações provocadas no corpo o que as diferencia? Para Espinoza trata-se do aumento ou diminuição daquilo que é essencial no Ser: A “potência de agir” ou “força vital”. Portanto a alegria é uma passagem para um

estado mais potente e perfeito do próprio Ser enquanto a tristeza é a passagem para um estado menos potente e perfeito do próprio ser.

Isso significa dizer que, se essencialmente eu sou minha energia vital e quando me alegro eu ganho mais potência de agir, mais energia vital, mais de mim em mim mesmo. Por isso “passagem para um estado mais perfeito do próprio ser”. Da mesma forma, toda vez que o mundo agride, derruba, ele entristece, ele mata de tal forma que a morte está necessariamente vinculada a vida. Faz parte do devir.

Dado que todos são diferentes alguns resistem melhor enquanto outros, nem tanto, às agressões que o mundo lhes proporciona, ou seja, uns perdem mais e outros perdem menos energia vital.

De acordo com a proposição 51 do livro III:

“Homens diferentes podem ser afetados diferentemente por um só e mesmo objeto, e um só e mesmo homem pode, em momentos diferentes, ser afetado diferentemente por um só e mesmo objeto (Ibid., pag. 221).

Por sermos tão pequenos em relação ao todo, nos encontramos com o mundo luta-se uma luta em que a derrota é certa. A morte é inevitável e por esse motivo não se deve tratar com descaso a alegria pois ela é um tesouro escasso.

Mas e quando a potência de agir, aumenta ou diminui de algo que você pensa ou imagina? Trata-se também de afetos: a esperança e o temor é é por isso que “A mente esforça-se, tanto quanto pode, por imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo”- Proposição 12 do livro III - (Ibid., pag. 179). E ainda na proposição 16 do livro III ele afirma:

Simplesmente por imaginarmos que uma coisa tem algo de semelhante com um objeto que habitualmente afeta a mente de alegria ou de tristeza, ainda que aquilo pelo qual a coisa se assemelha ao objeto não seja a causa eficiente desses afetos, amaremos, ainda assim, aquela coisa ou a odiaremos (Ibid., pag. 183).

Temor e esperança são afetos que resultam do encontro com um mundo imaginário e nesse sentido são para ele, contra a vida pois viver de esperança ou viver temendo impedem que se viva plenamente o mundo real.

Portanto, a esperança não é alegria. É falta, é ignorância e impotência. Só tem esperança quem não tem o que almeja, quem não sabe se terá e quem não pode tê-lo já. A esperança é ignorância do real. Assim, quanto mais você sabe menos você teme e porque todo encontro é sempre inédito, saber o que te alegra e o que te entristece não garante fórmula de felicidade.

Outro aspecto negativo da esperança e do temor é que, ao contrário da alegria e da tristeza, aquelas caminham sempre juntas ou seja, a esperança não desacompanha jamais o temor. É o que Espinoza chama de “oscilação da alma” pois na mesma intensidade da esperança está o temor. Tal argumento fica muito claro se imaginarmos um Ente querido no leito de hospital. Quanto mais esperança você tem que ele se recupere mais você teme que ele não se recupere.

Assim, conforme a proposição 12 do livro III, afirma ainda que:

“Há tantas espécies de alegrias, de tristeza e de desejo e, conseqüentemente, tantas espécies de cada um dos afetos que desses são compostos (tal como a flutuação de ânimo) ou derivados (tais como o amor, o ódio, a esperança, o medo, etc.), quantos são as espécies de objetos pelos quais somos afetados (Ibid., pag. 179).

Para Espinoza o homem deve-se abandonar a esperança e o medo e reconciliar-se com o mundo. É o que ele chama de “beatitude”. O que importa segundo ele é não deixar-se tocar pelo mundo que efetivamente não é. Por algo puramente imaginário. É o “Amor fati” de Nietzsche. Uma expressão latina que significa 'amor ao destino', 'ao fado', ou seja, significa uma aceitação integral da vida como ela é e do destino humano qualquer que seja, mesmo em seus aspectos mais cruéis e dolorosos. Coisa que só um espírito superior é capaz.

Para Espinoza, portanto, o homem deve superar a servidão que ele trata como “[...]a impotência humana para regular e refrear os afetos” – parágrafo 1 do prefácio do livro IV subtituído “A servidão humana ou a força dos afetos” – (Ibid., pag. 263).

Assim no quarto livro que vai encerrar sua obra, Espinoza discorrerá relacionando o saber e a liberdade, estabelecendo uma distinção entre três gêneros do conhecimento o qual dispõe numa escala hierárquica.

O primeiro é o do conhecimento vago que resultada dos encontros dos corpos. Desse não há senão uma servidão total. O segundo é o conhecimento da razão que permite conhecer aquilo que está fora do afeto específico, mesmo que pouca coisa mas que permite que se conheça aquilo que já existe. E ainda o terceiro gênero do conhecimento que é o conhecimento como ciência intuitiva. Esse permite inventar, criar novos modos de vida. Produzir o novo. Fazer Arte. Conclui-se que o pensamento de Espinoza em relação ao homem, apesar de preso a algumas determinações está longe de ser fatalista. O homem é inevitavelmente um ser-no-mundo e estando nele é um ser apaixonado muito mais que ativo e que por isso está constantemente sobre os efeitos que o mundo o provoca. Só que em decorrência de alguns atributos ele pode em meio a esse oceano revolto de afetos escolher afogar-se nele e perecer ou ainda navega-lo. Deve-se ter em mente que apesar das constantes tempestades e do clima ruim, o próprio devir da natureza trará por vezes algum tempo bom e algumas alegrias que devem ser apreciadas como verdadeiros tesouros. Cabe ao homem criar resistência aos encontros negativos com o mundo afim de alegrar-se mais com a vida o que só será possível ao se superar do primeiro para o segundo gênero do conhecimento, fazendo-o escapar a servidão. O terceiro gênero do conhecimento está para Espinoza tanto quanto a “maioridade” está para Kant, como uma espécie total superação do homem. Uma superação onde o conhecimento e o saber devam ser buscados, sem preguiça e covardia, o que só faz com que o homem se acomode em fantasias e superstição.

REFERÊNCIAS:

Espinoza, Benedictus de; *Ética*, [tradução e notas de Tomaz Tadeu], 3ª edição, Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2013.

“Espinoza e a dinâmica dos afetos” aula em vídeo por prof. Clóvis de Barros Filho em [http://HYPERLINK "http://www.espacoetica.com.br/"www.espacoetica.com.br/](http://www.espacoetica.com.br/www.espacoetica.com.br/) (2016).

Filme “Espinoza – O apóstolo da razão” em [http://HYPERLINK "http://www.youtube.com/watch?v=pVpEcMqDbUc"www.youtube.com/watch?v=pVpEcMqDbUc](http://www.youtube.com/watch?v=pVpEcMqDbUc) / TV Escola (2016).

Aula do prof. Cláudio Ulpiano “Pensamento e liberdade em Espinoza – outono de 1988” em [httpHYPERLINK "http://www.claudioulpiano.org.br/"http://www.claudioulpiano.org.brHYPERLINK "http://www.claudioulpiano.org.br/"](http://www.claudioulpiano.org.br/www.claudioulpiano.org.br) (2016).